

Cultura e Modos de Vida: São Paulo, a utopia da Gaia Urbana

Hamilton Faria.

Palavras são pássaros.
Voaram!
Não nos pertencem mais.
Helena Kolody

Parece não ser mais possível no mundo urbano, particularmente na cidade de São Paulo, pensar em mudanças substantivas sem caminhar pelas amplas veredas da utopia. Uma cidade à beira de um ataque de nervos e de colapso cardíaco tem que, necessariamente, apostar no tudo ou nada. A visão economicista da cidade- locomotiva que puxava os tímidos vagões para o desenvolvimento infinito e o bem estar - parece ter ficado para trás em uma memória sem saudades. A idéia de que a participação política nos traria a redenção das perdas cívicas aviltadas pela ditadura e faria crescer uma saudável democracia, também entrou em crise frente às conquistas limitadas e a cidadania ainda pouco ativa da população. Os gestores éticos talvez pudessem encontrar soluções otimizando recursos, canalizando-os para os setores apropriados e evitando os canais da ilegalidade e do clientelismo. Talvez o planejamento urbano com eficaz plano diretor que regulasse o uso do solo, incidisse sobre a apropriação privada da terra, desenvolvesse o centro da cidade, resgatando antigas e novas dignidades, pudessem ser um caminho para uma vida mais plena numa cidade global. Os movimentos sociais, com sua capacidade participativa e suas estratégias de luta, quiçá pudessem inverter prioridades e redistribuir rendas e oportunidades e tornar mais democráticos os bens econômicos e a atuação política. E se a política educacional tornasse a cidade um pólo de conhecimento e difundisse o ensino universal e local, com equipamentos apropriados, trazendo as crianças para a escola com formação adequada ?

Qual será a saída para a resolução de nossos dilemas quando tudo parece obscuro sem luz no fim do túnel? Sem quaisquer catastrofismos, porque há que se acreditar em sua capacidade regenerativa, a cidade parece caminhar para o colapso puro e simples, não apenas pela ausência de mobilidade física, mas pela ausência de uma vida coletiva digna. Quando um corpo chega nesta situação de penúria física e existencial, precisamos urgentemente reavaliar caminhos e propor utopias consistentes. É preciso sair com uma vela no escuro, buscando aquelas experiências, atores, valores e imaginários que possam propor algo novo que acredite, não apenas na sua necessária viabilidade política e social, mas também no reencantamento da cidade, numa vida maior que a sobrevivência, significativa para os seus habitantes. Faz bem inspirar-se em Heráclito quando afirma que a morada do homem é o extraordinário.

E aqui quando falamos em utopia é importante dizer que não se trata de metas irrealizáveis e distantes que façam apenas parte de uma poética do imaginário; sabemos que a palavra grega utopia origina-se de não-lugar. **Um não-lugar sempre está disponível a lugarizar-se, na medida em que seus atores transformam ideais em experiências concretas.** Todos os regimes sonhados historicamente, as grandes invenções, as “boas novas” e idéias de

mudança não teriam se transformado em realidades históricas caso não tivessem no seu DNA a utopia. Uma utopia realizável na qual queremos mais do que escolher caminhos limitados a um pragmatismo irresponsável. Torna-se urgente beber nas fontes mais generosas da civilização e da ancestralidade para mudar paradigmas do pensar, sentir, agir e imaginar e, portanto, mudar modos de ver o mundo e de viver.

A cultura e os modos de vida

A mudança da cidade não depende apenas da intenção dos governantes, da qualidade da gestão ou da força organizada da sociedade civil, embora este tripé seja vital para que a cidade de São Paulo se reorganize e se torne uma cidade humanizada. Estamos numa crise generalizada de paradigmas do pensar, do fazer e do viver, o que tem empurrado as cidades para uma perda gradativa da qualidade de vida. Uma crise que atravessa o conjunto civilizatório; alguns vão ainda mais longe afirmando que se trata de uma crise da espécie humana, como diagnosticou o poeta indiano Sri Aurobindo. Civilização ou barbárie? Esta pergunta nos levou a uma constatação: nem civilização nem barbárie, pois vivemos na barbárie da civilização. Não podemos hoje nem evocar antigos modelos de ismos, pois estamos numa invenção permanente; a partir da criação humana estamos livres para criar.

Eduardo Prado Coelho, pensador português, nos ensina: “Segundo a perspectiva considerada mais ‘progressista’, a paisagem depois do comunismo seria a de um deserto que cresce. No limite de todos os desmantelamentos, aguarda-se, em atitude de súplica, a improbabilidade do milagre. Outros, mais conservadores, mais vinculados a uma aristocracia do espírito, vêem com verdadeiro horror os nivelamentos e banalizações de uma cultura massificada e de uma escola em incessante degradação. Outros ainda, perturbados com a invasão de uma tecnociência que supõem acéfala, entreveem no horizonte os sinais aterradores do niilismo e da barbárie. No entanto, através do próprio desastre, nessa perda dos astros reguladores, que todo desastre é, alguma coisa se move que, se nos incitarmos a seguir o fio tênue desse movimento, nos poderá conceder um pouco de alegria e deslumbramento – o enigmático sorriso de um virar de século. Poder-se-á suspeitar que, quando se fala em ‘vazio de idéias’, o que se lamenta é fundamentalmente isto: não existem hoje idéias que salvem, nem idéias que fundamentem. Por outras palavras: nenhuma idéia nos assegura a salvação; nenhuma idéia é portadora de uma verdade que salve; nenhuma idéia nos dispensa de sermos nós próprios e criarmos o nosso modelo e itinerário de salvação. E ainda: nenhuma idéia é suficientemente forte para fundamentar uma prática, para funcionar como ciência rigorosa da *práxis*. Sem astros que nos guiem, sem uma ciência da navegação que seja preciso apenas *aplicar*, avançamos agora num mar de surpresas e incertezas.” (1)

Transcrevo este texto um tanto longo porque ele nos situa nessa busca por novos caminhos, mesmo com a perda dos astros reguladores e sem uma ciência da navegação. Esta constatação nos leva a muitas perdas, mas também a um maravilhoso horizonte de ousadia, sem medo de estar sob o rigor de um método ou de uma ciência que ilumina os caminhos da humanidade ou sob a tutela de uma vanguarda. Assim, podemos caminhar para sendas de afirmações não categóricas, realidades poéticas que trabalham por um mundo melhor, não

apenas no seu contexto concreto-real, como diria Guimarães Rosa, no seu tempo histórico ou cronológico, mas também na sua temporalidade existencial e, porque não imaginário-cultural e, porque não espiritual. O fato é que não existe apenas um caminho, uma solução, mas uma pletera delas que devem estar orientadas por princípios firmes e embebidos numa ética rigorosa e num extremo cuidado com a comunidade dos seres vivos.

O tempo no qual vivemos venceu as pobres metáforas da força, da máquina, do desenvolvimento infinito, dos recursos inesgotáveis e colocou um limite em nossa ação predadora da natureza e da imaginação. Desta forma precisamos reinventar outras metáforas e outras realidades menos soberbas e dar conta de saídas civilizatórias que melhorem a qualidade de vida física, mental e espiritual. Não é mais possível fugir desse trinômio que diz respeito ao nosso bem comum para que possamos ver no horizonte um desenvolvimento sustentável. Chamo aqui a atenção nas mudanças necessárias, reais e sonhadas, que emergem da cultura e dos modos de vida. Não é mais possível imaginar mudanças substanciais nas cidades, particularmente em São Paulo, que não passem necessariamente por radicais transformações de mentalidade e modos de vida e na ação individual e coletiva dos seus habitantes. A cultura aqui não deve ser entendida como um fazer específico, por eventos ou pela síntese cultura-arte, mas sim pela cultura em sua acepção mais generosa e larga, que passa por práticas de vivências e convivências (formais e informais), valores e comportamentos, sociabilidades, atitudes, sonhos e imaginários, enfim, modos de vida.

O sociólogo catalão Agustí Nicolau Coll (2) faz uma analogia da cultura com uma árvore: as raízes são os mitos, a ancestralidade; o tronco, as instituições; as folhas, as práticas cotidianas. E amplia a cultura para suas dimensões simbólicas e divinas. Assim, nesta entrada seriam importantes para o desenvolvimento urbano a presença das culturas populares bem como as culturas mais eruditas, as suas culturas alimentares, as atitudes dos moradores em relação à vida comunitária, a participação no cotidiano da cidade, a vida espiritual dos seus habitantes e as éticas da vida emanadas de suas experiências religiosas ou espirituais; a capacidade afetiva dos cidadãos e suas possibilidades de acolhimento; assim como a vida política de seus na ágora-comunidade-cidade, a presença de suas expressões culturais e suas dinâmicas jovens, as atitudes de seus cidadãos obedecendo a preceitos de urbanidade mínima como dizer bom dia, distribuir sorrisos ou separar os resíduos para reciclagem. Como vemos os caminhos se unem, sintetizados numa cultura do cuidado como essência do ser humano, como queria Martin Heidegger. (3)

Trata-se de uma relação de acolhimento e afetividade que definiria uma nova postura do cidadão-ser humano, caminho que indica uma cultura de paz e não violência, definida na Carta da Terra como a “plenitude que resulta de relações corretas consigo mesmo, com outras pessoas, com outras culturas, com outras vidas, com a Terra e com o Todo maior do qual somos parte.” Desta forma, pavimentado o nosso terreno, podemos pensar num campo abrangente onde possa vicejar novos modos de vida pautados na cidadania cultural e no desenvolvimento humano.

São Paulo dos Mil Povos: a diversidade em ação

São Paulo tem sido cantada em prosa e verso como a cidade multicultural, plena de identidades e diversidades. No entanto, a cidade multicultural é ainda pouco intercultural, se levarmos em conta os diálogos entre suas diversidades formadoras e mesmo entre territórios culturais. O caminho para transformar isso é o do diálogo intercultural, que partilhe um saber comum e impulsione um projeto mais democrático de cidade. Como os saberes que compõem a cidade podem conversar entre si e buscar alternativas de mudança? O que os financistas e comerciários da Avenida Paulista ou os professores das universidades podem partilhar com os indígenas da Aldeia Krukutu ou com os outros 18 grupos indígenas da cidade? O que as entidades sociais e a gestão da cidade podem trocar com os jovens do Grajaú? Os japoneses do bairro da Liberdade conhecem as comunidades negras da Cidade Tiradentes?

As políticas públicas de cultura deverão estimular maior aprendizado entre saberes, criar condições e recursos para comunicação constante nas escolas, nos meios de comunicação, nas ruas, nos espaços públicos. Precisamos de propostas de cidadania cultural que favoreçam o acesso a informação e formação a partir da realidade multicultural e da diversidade. Todas as narrativas devem circular na cidade e terem reconhecimento público e as múltiplas formas de desenvolvimento humano e cultural devem estar presentes na vida cotidiana.

Uma cidade em que metade da população é negra, com árabes, judeus, japoneses, coreanos, bolivianos, poderá ser abençoada em suas possibilidades de trocas interculturais se houver políticas claras das organizações da sociedade civil e dos governos que estimulem ações permanentes. Podemos imaginar o que seria isso se pensássemos soluções para a cidade a partir da herança destas tradições colocando-as para conversar? De outro lado, os movimentos religiosos, que já se encontram nos diálogos interreligiosos, e que reúnem as mais importantes tradições, podem contribuir sobremaneira para o desabrochar da diversidade e do diálogo intercultural e da quebra dos muros entre territórios. É importante dizer que o diálogo intercultural na cidade dos mil povos deve ser abraçado como política pública transversal pela sua importância nas realidades locais e globais. São Paulo poderá se transformar na cidade por excelência dos saberes da diversidade e, assim contribuir com o mundo global no sentido da afirmação da diversidade. O respeito à vida e sua diversidade deve ser a força condutora de uma cidade mais humana. O RDH 2004 lançado pelo PNUD diz que “a liberdade de escolher uma diversidade cultural e de exercê-la sem discriminações é comparada em importância à democracia e à oportunidade econômica”. (4)

Esta diversidade em ação poderá contemplar outros campos e promover diálogos da diversidade cultural com o meio ambiente estendendo os braços vitais da diversidade para o território como um todo povoado de cores, verdes, águas, amarelos, negros, bichos etc. toda a herança de diversidade trazida da cultura e da natureza.. O rio Tietê e o rio Pinheiros devem ser definitivamente integrados na cidade e devem dialogar com a rica diversidade humana de São Paulo. É incompreensível no mundo de hoje, frente à busca de centralidade de um paradigma ecológico, que a diversidade se afirme sem um diálogo mais profundo com o meio ambiente.

Creemos que é impossível na atualidade se pensar em cidade sustentável sem propostas que valorizem a diversidade e estimulem o diálogo intercultural em todos os campos da vida urbana.

A equidade e a justiça: à noite os gatos não são pardos

É interessante constatar que nem sempre os discursos de sustentabilidade referem-se à distribuição desigual da renda e da justiça como vitais para mudanças no modo de vida. Sustentabilidade aqui tratada em um sentido mais amplo e não apenas do equilíbrio socioambiental. **O desenvolvimento sustentável, portanto é uma visão integral de processos de transformação que levam em conta a sustentabilidade socioambiental, o combate a desigualdade e a pobreza, o respeito pela diversidade e pela democracia, a cultura de paz, a equidade e a justiça e os valores de um imaginário criativo que possam contribuir para a invenção de novas maneiras de ser e escolhas que levem em conta a ancestralidade e os impulsos mais férteis da civilização.**

Nesta visão, a cultura pode ser um sistema integrador de realidades, práticas e valores que podem se conectar com alguns dos grandes desafios contemporâneos e contribuir para novos enfoques do desenvolvimento que valorizem as culturas e as dinâmicas socioculturais locais. Os diversos governos devem centrar sua ação em políticas inclusivas de equidade e justiça, limitando o poder ditatorial do mercado, definindo políticas públicas de redistribuição de renda e taxando grandes fortunas, traduzindo-as em programas sociais e culturais.

Deverá haver limites muito claros ao mercado imobiliário e com cumprimento obrigatório das leis e planos diretores, privilegiando habitações populares com conceitos de sustentabilidade. Poderá ser pensado um Banco do Povo como o de Mohamed Yunus, criador do Grameen Bank, com linhas de microcrédito para estimular iniciativas que não estejam ligadas a interesses do mercado financeiro. Estes novos atores poderão influir também na realidade econômica, criando uma esfera solidária da economia e também de uma cultura da economia solidária. Deve-se considerar, a partir de experiências de inclusão, a não naturalização da desigualdade e da injustiça social e redistribuir recursos e oportunidades de criação e acesso a todos, nos mais variados campos da atividade humana na cidade. Assim, uma justiça ágil, justa e restaurativa poderá compor o cenário da cidade, não se resumindo a medidas repressivas que não tocam nas desigualdades sociais e culturais e naturalizam a desigualdade e a injustiça.

Aqui, sem dúvida, será preciso estimular uma cultura de gênero e raça, que revele populações vulneráveis como vítimas dessa naturalização. Os direitos da mulher, dos negros, das minorias, dos segmentos com variadas opções sexuais, deverão ser entendidos no cenário do desenvolvimento urbano como objeto de políticas e de atitudes de respeito e cuidado e compor uma grande escuta de demandas e propostas para uma cidade justa. Em todos os campos da atividade humana da cidade e em todos os seus territórios a sua população deverá viver com equidade e justiça – bases de uma cidade saudável.

As sociabilidades comunitárias: ruania e outros fazeres

É central retomar o espaço da rua como lugar de significados espaciais e simbólicos para que a cidade se torne um verdadeiro lugar de encontro. A cidade moderna, traçada nas suas linhas de fluxo de pessoas e escoamento de mercadorias, deve ser repensada como também lugar da fruição, da contemplação, como se fosse “o caminho do burro” da cidade medieval e não os das retas avenidas pensadas para a vida mercantil. A rua se tornou um lugar para os passantes irem a algum de trabalho, no comércio e não um espaço em si que seja apropriado como lugar múltiplo de vários significados da vida. A rua é identificada como um mau lugar, onde “é necessário retirar os meninos”, onde é preciso passar rápido, onde o perigo está a espreita, lugar do polícia-ladrão. A culturalização das ruas -sua apropriação cultural com arte, conversas e debates públicos, auscultas socioculturais (5) lugar de circulação de pessoas e animais, lugares das plantas, da meditação andando, da sociabilidade e do cuidado com o outro – poderá também compor nossa utopia. A cidade do futuro deverá olhar com muito cuidado a rua, criar centros que recuperem a memória dos bairros, movimentos culturais que trabalhem a estética dos lugares, trabalhos de educação popular que valorizem as pessoas, com programas educativos e conversas com a população; os Museus da Pessoa (6) poderão registrar histórias de vidas e as famílias poderão compor essas histórias em pequenos livros a serem distribuídos para a família e a vizinhança. Os condomínios poderão ter lugares de convívio ecológico, as habitações poderão ter um conceito diferenciado, com comunidades e ecovilas urbanas, com espaços verdes e lugares de fruição da natureza, mesmo pequenos, mas com conceito de interação entre pessoas e meio ambiente. As praças poderão se tornar lugares de encontro, de criação e fruição da cultura, de contação de histórias e todas as grades deverão ser derrubadas e substituídas pela grandeza do patrimônio imaterial da cidade, suas histórias, trocas e gratuidades.

As ruas estão plenas de gratuidades que poderão nos dar uma outra dimensão, não a do tempo enlouquecido, cronológico ou histórico, mas o tempo existencial. E este tempo é sem dúvida componente essencial da utopia, pois traz valores fundamentais para uma maior felicidade das pessoas, não apenas centradas no trabalho, mas em vivências de acolhimento. O urbanista Jaime Lerner diz que “a grande maioria das cidades perdeu seu conteúdo humano quando começou a modificar três elementos fundamentais: o rio, a rua, a praça (7). E isso é totalmente verdadeiro, pois uma cidade que não preza seus rios, como a nossa, não é uma autêntica cidade. Poderíamos vislumbrar no futuro deslocamentos para o trabalho e cargas leves e passeios pelo Tietê? Ou bares e pequenos comércios, espaços culturais nas suas margens como acontece nos rios Siena ou Tamisa? Porque os meninos não podem voltar a nadar no rio como no início do século passado?

Lerner segue anunciando sua utopia:

Um mundo de vizinhos.
O vizinho é nosso parente urbano
é parente por parte de rua
ou primo irmão de porta
de mesma descendência: o elevador. (8)

Certa vez conversando com a professora Lia Diskin, ao contemplar o Ibirapuera, ela comentou: “Eu acredito no poder civilizatório do espaço.” (9). Uma cidade humana deverá povoar suas habitações, ruas, praças com verdes e cores e prezar pela sua água e por seus espaços. Ortega y Gasset diz que somos também as nossas circunstâncias, salvá-las é salvar-nos. **A ruania, (10) isto é, a cidadania da rua, deverá se constituir não apenas como o direito dos cidadãos na rua, mas como um lugar privilegiado de participação, vivências e ambiências favoráveis para o desenvolvimento humano da cidade.**

A mobilidade urbana e a mobilidade cultural

Falar do colapso da cidade de São Paulo é também falar do trânsito e da mobilidade urbana. Mais de seis milhões de automóveis em circulação diária, 15 mil ônibus, 300 mil motos e todos os impactos na poluição do ar fazem de São Paulo uma cidade próxima do inabitável. (11) A solução para um modo de viver mais equilibrado está numa radical mudança cultural a começar pela postura da população ao exigir do governo local transporte público de qualidade – expansão do metrô e do ônibus, retomada dos ônibus elétricos, criação de ciclovias e bicicletários nos metrôs e próximo a pontos de ônibus – e, principalmente, uma mudança substantiva da mentalidade que defende o uso do automóvel como principal meio de deslocamento. Não há solução para o caos do tráfego sem a opção do transporte solidário e do andar a pé. Estimular ou mesmo premiar aqueles que dão carona e os andarilhos urbanos poderá ser uma forma de vitalizar o depauperado mundo da cidade, combinando atitudes individuais e diretas com as políticas públicas de qualidade. O andarilho urbano poderá ser o portador da “boa nova”, pois além de desafogar o transporte público dará exemplos de mobilidade física e mesmo de fruição da cidade e de sociabilidade.

Para andar na cidade não basta um par de tênis e disposição, mas concentração, paciência e simpatia (sempre encontramos as mesmas pessoas nos pontos de ônibus ou os mesmos motoristas no trajeto). As disciplinas de urbanismo das universidades deveriam ensinar e estimular deslocamentos solidários. A mobilidade urbana pode perfeitamente casar-se com a mobilidade cultural. O andarilho, digamos o “poeta andarilho” (12), aquele que poderá ser dominante na gaia utópica, deverá entender o espaço como “o melhor lugar do mundo é aqui e agora” (13) e vivê-lo numa intensidade existencial, tomar a rua como um lugar passível de ser reencantado. Thich Nhât Hanh, pensador vietnamita, propõe um método de meditação andando para reconquistar a soberania da pessoa em qualquer ambiente (14). Diz ele: “A meditação andando ajuda-nos a conquistar nossa soberania, nossa liberdade como seres humanos.” (15) Ele propõe andar sentindo o prazer de cada passo e a paz no momento atual, com a mente desperta sobre a terra, centrando a consciência no respirar, mesmo contemplando. Inclusive nas pequenas distâncias este método pode ser aplicado e favorecer uma ecologia interior. É completa:

“Nosso caminhar não é um meio para um fim. Andamos pela simples razão de andar.” (16). Estas propostas de Thich Nhât Hanh podem revolucionar culturalmente a cidade ao abandonarmos o carro, mesmo que parcialmente, em grande parte usado para pequenas distâncias. Poderíamos reconquistar a qualidade do ar, a ecologia mental e a qualidade física do corpo em apenas um gesto, sem contar com as sociabilidades e interioridades decorrentes

desta atitude. E, principalmente, ir na contracorrente da cultura da pressa que tem caracterizado a loucura urbana. O andarilho poderá também andar de ônibus e aproveitar o tempo lendo, meditando ou compartilhando conversas com os outros. Poderá desenvolver pequenos trabalhos culturais como “esquecer” livros em ônibus ou educar culturalmente passageiros ao falar poemas e ocupar tempos de deslocamento para leituras. Os vereadores poderão gerar leis que criem pequenas bibliotecas nos ônibus e dentro das estações do metrô, saraus poéticos, cartazes com textos (como já acontece) e informações relevantes nos circuitos de TV interna dos transportes coletivos. Os andarilhos (entendendo que também utilizam transporte público) poderão se transformar em agentes culturais multiplicadores e assim a mobilidade urbana aconteceria vinculada indissolúvelmente a mobilidade cultural: arte, valores, comportamentos de sociabilidade, processos educativos e uma nova forma de viver sem a patologia da “normose” (17), ou seja, não fazer o que todo mundo faz, sem criar outras alternativas que acrescentem humanidade a vida, como concordaria o professor Pierre Weill. Brecht (18) fala em um de seus poemas para não entendermos que tudo é natural, pois dessa forma as coisas passam por imutáveis.

A participação democrática e a cidadania ativa

Estamos num momento de reavaliação dos processos participativos. Não há dúvida de que a participação cidadã é essencial na democracia urbana, redefinindo poderes, antes apenas nas mãos de uma pequena elite econômica, política e cultural. Ela educa o cidadão para uma mudança por todos e não para todos; forma uma cultura da cidadania, orientada pelos valores coletivos e a diversidade de olhares da cidade. No entanto, a participação da sociedade em suas organizações e redes, na vida institucional em parceria com o estado (conselhos, conferências, câmaras setoriais, sistemas de cultura, saúde, educação) devem complementar-se com a ação direta através de atitudes individuais e coletivas. Essa poderá contribuir para a “democratização da democracia” (19).

No mundo urbano é importante a constituição de grupos de ativistas em temas como direitos do consumidor, consumo responsável, economia de água e energia elétrica, ações contra a violência, para realizar ações diretas ou simbólicas de afirmação de uma cidadania ativa e também para que as políticas públicas se agilizem e seus canais sejam representativos. Os movimentos sociais não devem prezar apenas ações coletivas e decididas nas assembleias, mas construir sua voz também em pequenas ações exemplares e educativas que apontem caminhos solidários, como já acontece em redes de paz e jovens em suas dinâmicas culturais na cidade. Ações diretas de pressão, positivas (pela melhoria da rua, por exemplo, de divulgação de valores, contra a violência e pela paz) devem ser muito bem vindas na vida urbana. A desobediência a regras injustas não podem ser deslegitimadas e vistas como processos não democráticos, pelo contrário, podem qualificar a democracia, construir valores e apressar a lentidão das políticas públicas. É importante dizer que se trata de um sistema participativo onde cada ponta pode contribuir para o todo e todos se relacionam para construir uma verdadeira cidadania, onde as pessoas são sujeitos de ação e de transformação. De outro lado, a democracia participativa é indissolúvel da cultura de direitos e da cultura de paz. Estas devem balizar a democracia participativa e ampliar seus horizontes nos cenários de violência cotidiana.

Fortalecer a vida política institucional da cidade com uma autêntica reforma política, democratizando a gestão, descentralizando o poder, dando autonomia as subprefeituras e capilarizando políticas públicas no território; aprofundar a representatividade das instituições públicas mistas (governo e sociedade) como os conselhos e conferências municipais; fortalecer redes e fóruns e iniciativas da sociedade civil; estimular a ação direta política e simbólica; acolher a desobediência não-violenta. Todos esses pontos podem se constituir como um caminho para a renovação da cultura política da cidade.

A cidadania ativa, por sua vez, não poderá abrir mão do bem comum no mundo urbano, traçando rotas de defesa dos patrimônios materiais e imateriais contra a privatização da política (mesmo por instituições “democráticas”) e da vida.

Vida simples e pensamento elevado

Parece não haver saída para os grandes desafios contemporâneos sem uma vida simples e um pensamento elevado. (20) O aquecimento global, os excessos de resíduos sólidos, o stress, a distância da natureza, a apartação do outro e de si mesmo, o individualismo exacerbado, o brutalismo da vida cotidiana, devem passar por uma reavaliação dos estilos de vida. Em países do primeiro mundo e também em nossa cidade já se constituem movimentos espontâneos de simplicidade voluntária. Essas iniciativas não significam austeridade ou pobreza, mas qualidade de vida com economia de meios e recursos, reciclagem e redução de resíduos, diálogos com a natureza, importância aos sonhos mais do que uma polpuda conta bancária; economias domésticas, maior lazer e menos trabalho, a fruição do caminhar e das viagens para fora da cidade, uma vida mais poética e menos servil. Enfim, simplicidade exterior e riqueza interior.

A vida simples deverá ser o antídoto contra a banalização da vida, o consumo perdulário e a falta de utopias imateriais. A simplicidade (e não o simplório) na construção da cidade significa evitar demolições, reciclar habitações, utilizar outros materiais que não dizem florestas, utilização de energia limpa como a solar, a eólica, conceitos sustentáveis como utilização de correntes de ar para ventilação, reciclagem de água, aproveitamento e tratamento de água da chuva etc. Na vida cotidiana significa utilização de roupas menos formais e mais leves, mais essência e menos aparência na vida pública, maior preocupação com a alimentação caseira. Neste sentido há uma excelente contribuição do movimento Slow Food (21) com várias propostas de cultura alimentar como o da valorização da cozinha regional, dos alimentos frescos, das narrativas e mitos da alimentação e de uma vida mais lenta e natural.)

Desta forma também necessitamos pensar o impacto ambiental do consumo de carne: derrubada de florestas, gastos de água, energia, utilização de grãos da alimentação humana, poluição do ar e das águas, fora todo o sofrimento animal em clausura, e crueldade com os seres da comunidade dos seres vivos. Os automóveis como meio de locomoção, por motivos já expostos, devem ser substituídos por outras formas de mobilidade urbana, pois os carros dominam mais de 30% do território. É importante destacar que as tecnologias devem estar a serviço da vida simples buscando aproximar mais as pessoas de si, dos outros, da natureza e

das fontes da criação e não separá-las ainda mais. Como diz o educador Tião Rocha, será necessário combinar tic e tac, ou seja, combinar as tecnologias de informação e comunicação com as tecnologias de aprendizagem e convivência (22).

Os espaços, a arquitetura e as tecnologias urbanas devem favorecer a urbanidade e as relações harmoniosas na sociedade e não facilitar o distanciamento e encapsulamento, como acontece nas metrópoles contemporâneas. Assim, talvez possamos criar uma cidade que responda aos grandes desafios da educação: aprender a conhecer, a fazer, a ser e a conviver, conforme nos ensina Jacques Delors (23).

O convívio ficou insustentável. Será necessário urgentemente colocar a simplicidade na agenda pública: nas campanhas dos meios de comunicação, nas disciplinas escolares, nos discursos públicos, nas instituições e na vida doméstica. Esta deverá ser uma das grandes idéias criativas deste milênio: formas de viver mais simples, com mais diálogo e interação. Sem uma vida simples precisaremos de mais planetas ou levaremos o nosso a uma exaustão cada vez maior e ao caos nos modos de vida urbano e rural. Este é um caminho do culto a violência, pois na civilização contemporânea moderação e paz andam juntas. Não há saída fora da construção da paz. Esta deve estar no horizonte de qualquer política pública e qualquer trabalho sociocultural. E vida simples é um caminho para a paz. E cultura da paz quer dizer: a prática de todas as formas de não violência, respeitar a vida e a comunidade dos seres vivos, praticar a democracia, reinventar a solidariedade. (24) A ética do cuidado poderá ser a essência de uma cidadania ativa e base do próximo ciclo de desenvolvimento urbano.(25)

Reencantar São Paulo

Quando as feições já foram endurecidas ou descaracterizadas pelo tempo e a idade trouxe um rosto irreconhecível e sem viço, já quase não podemos falar de reencantamento. Mas sempre há o perdão e o reinício, a subversão da história pela beleza e a existência vital. Pensar numa cidade mais humana é recuperar as poéticas mais generosas da ancestralidade e combiná-las com as melhores escolhas civilizatórias. E que os poetas retomem a urbe, à república, à ágora com suas feições alegres, profecias, sonhos, utopias e professem: sabedoria, o real mora na utopia. Eduardo Galeano fala que o direito de sonhar não faz parte dos 30 direitos humanos que as nações proclamaram no final de 1948 (26).

Hoje mais do que nunca o direito de sonhar deve ser, para seguir Gaston Bachelard “o guia destinal das forças da beleza que conduzem o mundo” (27). E aqui o papel da arte é essencial para nos elevar a imaginação e como Octavio Paz “revelar um mundo e criar outro”(28). A arte poderá ser linguagem fundamental para se criar uma outra cidade, certamente extraordinária, pois como queria Heráclito, a morada do homem é o extraordinário . Aqui falo da arte como linguagem e como expressão da vida no seu tempo existencial, a vida como obra de arte como nos ensina Gandhi. Uma obra de arte coletiva e individual – onde haja equidade e justiça, vida simples, com dignidade, mas sem exclusão, participação ativa da população, uma cultura “quente”, com muitas cores, ancestralidades e escolhas pautadas numa ética do cuidado. Neste cenário os movimentos sociais e as pessoas

e grupos são importantes como condutores dessa nova utopia, trabalhando em redes vitais, sem controle da liberdade de expressão e criação, mas sempre questionando paradigmas e modos de vida, sempre sonhando e inscrevendo novas realidades na vida cotidiana.

A missão maior da cultura e da cidadania cultural é o reencantamento da cidade. Não se trata apenas de criar uma cidade com trânsito eficaz, com coleta seletiva, sem carências urgentes e sistema político democrático. A metrópole precisa mais do que isso: requer uma existência poeticamente habitável, onde possamos exercer o direito a vida como o mais vital de todos os direitos. E um novo contrato cultural deverá fundar uma nação de poetas como queria Whitman (29). Porque não uma Era Poética em nossa Gaia utópica, mas tão real que possa sair das mãos e da consciência de seus cidadãos?

Bibliografia:

1. COELHO, Eduardo Prado, *Jornal do Brasil*. Cadernos idéias, 3 de maio 1991, p.4 in Faria, Hamilton e Garcia, Pedro, *Arte e Identidade Cultural na construção de um mundo solidário*, Polis/Aliança, 2 edição revista e ampliada, São Paulo, 2003, p 28 e 29.
2. COLL, Agusti Nicolau. *Propostas para uma diversidade intercultural na era da globalização*, 2º ed. São Paulo, Instituto Pólis, 2006 (*Cadernos de Preposições para o Século XXI,2*).
3. HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Vol. 1 e 2. 5 a. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro. Ed. Vozes. 1995.
4. *Relatório do desenvolvimento Cultural 2004. Liberdade Cultural num mundo diversificado*, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento- PNUD, 2004.
5. Segundo a definição do dicionário, auscultar quer dizer ouvir, identificar, diagnosticar os ruídos, procurar saber, investigar. A Ausculta Sociocultural é a artemetodologia utilizada pelo Pontão de Convivência e Cultura de Paz do Instituto Polis para ouvir jovens dos Pontos de Cultura do país. Neste sentido, uma Ausculta Sociocultural propõe métodos para conhecer as relações subjetivas de um grupo, suas vivências, visões e desafios com o objetivo de fortalecer suas ações e intervenções. É, portanto,

ação para a escuta qualificada e ampliada, no que diz respeito à dinâmica grupal, como processo para revelar espaços de convivência e atitudes de paz.

6. O Museu da Pessoa é uma organização fundada em 1991 com o objetivo de construir uma rede de histórias de vida para a transformação social.
7. LERNER, Jaime, O vizinho. São Paulo. Editora Record, 2005.
8. LERNER, Jaime, idem.
9. Conversa do autor com Lia Diskin, setembro 2008.
10. Ruania, cidadania da rua. Este conceito será desenvolvido em outro texto. Trata-se da rua como lugar do encontro, ocupação cultural da cidade, a transformação da mobilidade urbana em mobilidade cultural, apropriação do tempo existencial nos deslocamentos urbanos.
11. Dados a partir de informações do Movimento Nossa São Paulo, www.nossasaopaulo.org.br
12. Desenvolvo melhor em outro texto sobre a figura do Poeta Andarilho, personagem da nossa cidade utópica-real, que se propõe a estabelecer o paradigma do reencantamento na vida cotidiana. O poeta andarilho guia-se pela afirmação de Gandhi: “Temos de ser a transformação que queremos no mundo.”
13. GIL, Gilberto, Aqui e Agora, letra e música do compositor.
14. THICH Nhat Hanh, poeta, mestre Zen e ativista da paz, nasceu no Vietnã e vive em uma comunidade que fundou na França. Foi indicado para o prêmio Nobel por Martin Luther King.
15. HANH, Thich Nhat, Meditação Andando, Editora Vozes, São Paulo, 7 edição, Petrópolis, 2005.
16. Idem.
17. O professor Pierre Weill, educador pacifista, fundador da UNIPAZ, considera normose “o conjunto de normas, conceitos, valores, estereótipos, hábitos de pensar ou de agir aprovados por um consenso ou pela maioria de uma determinada população e que levam a sofrimentos, doenças ou mortes, em outras palavras, que são patogênicas ou letais, e são executados sem que os seus atores tenham consciência desta natureza patológica, isto é, são de natureza inconsciente”, conforme o texto Novas idéias para novos tempos.
18. BRECHT, poeta alemão (1898: 1956) dizia “nunca diga isto é natural para que nada passe por imutável”.
19. SOUZA SANTOS, Boaventura. Democratizar a Democracia, Edições Afrontamento, 2005.
20. PRABHUPADA Swami, A.C. Bhaktivedanta. Vida Simples Pensamento Elevado, Fundação Bhaktivedanta, SP, 1991.
21. O Slow Food é uma associação internacional sem fins lucrativos fundada em 1989 em resposta aos efeitos padronizantes do fast food, ao desaparecimento das tradições culinárias regionais e ao ritmo movido pela pressa do mundo atual. Considera conexões entre o planeta e a comida e que a escolha da alimentação pode mudar o mundo. Está presente em dezenas de países e conta com 80 mil membros.
22. Tião Rocha é educador brasileiro radicado no Vale do Jequitinhonha. A referência foi extraída da palestra realizada por ocasião da TEIA, Belo Horizonte, 2007.
23. DELORS, Jacques. Educação: Um Tesouro a Descobrir (UNESCO, MEC, Cortez Editora, São Paulo, 1999. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional

sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors.

24. Cf. Manifesto 2000 para a Cultura de Paz e Não-violência, UNESCO, março 1999.
25. BOFF, Leonardo, *Ética do Humano – Compaixão pela Terra* Petrópolis, Ed. Vozes, 1999. Por uma ética do cuidado Boff entende "um consenso mínimo a partir do qual possamos nos amparar e elaborar uma atitude cuidadosa, protetora e amorosa para com a realidade... esse afeto vibra diante da vida, protege, quer expandir a vida".
26. GALEANO, Eduardo. *O texto foi publicado no diário argentino Página 12, em 29 de outubro de 1997, com o título "El derecho de soñar"*.
27. BACHELARD, Gastón. *A poética do devaneio*, São Paulo: Martins Fontes, 198
28. PAZ, Octavio, *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. Col. Logos. Trad. de Olga Savary
29. WHITMAN, Walt, *Folhas de Relva, Iluminuras*, SP, 2005.